

ZONA DE REBENTAÇÃO

ISABEL NOGUEIRA





1

Biarritz, 22 de Março de 2009

Naquela manhã, Estelle acordou demasiado cedo. Estava meio vestida e com o cabelo ainda apanhado no topo da cabeça. Não retirara convenientemente a maquilhagem e os olhos verdes pareciam saltar-lhe do rosto. A claridade e a tristeza tinham-na arrancado ao sono. Era desalinho a rasgar por todo o lado.

Sentia-se frio, apesar da Primavera, e tudo naquele quarto de hotel lhe parecia inóspito, insuportável. No ar sentia-se um aroma a flores e a aristocracia falida. Que era o mesmo que dizer, a morte. E nem o nome de Hotel Paraíso finta a angústia daquele despertar de animal atropelado, a ganir na berma.

Implantado à beira-mar, o edifício era imponente, de gramática arquitectónica a rondar a terceira década do século xx, no qual se destacavam os coruchéus a rematar os dois torreões da fachada e a escadaria dupla de acesso à entrada, localizada ao nível do primeiro andar.

No quarto, através dos reposteiros adamascados, via-se o terraço vazio. Cá dentro, pelo chão, distribuíam-se uma pequena mala de viagem, um par de sapatos e um *trench coat*. Ao lado, caído, encontrava-se um frasco de perfume de *Annick Goutal*. Sobre a mesa-de-cabeceira *art déco* repousava

um maço de cigarros quase vazio. Estelle levantou-se e acendeu um. O relógio marcava 06.04 horas. Depois dormiu ao de leve mais um pouco. O estômago comprimia os pulmões e a respiração tornava-se difícil. A manhã era de cão.

Duas horas mais tarde, uma música difusa entrava suavemente pela janela entreaberta, enquanto o homem do quadro flamengo a olhava com desconfiança. À maneira de crime passional. O telefone registava várias chamadas perdidas. Nenhuma aparentemente importante. Lembrou-se então dos ensinamentos do pai. Depois de comer qualquer coisa, o mundo parecia sempre um pouco melhor. Uma coisa era certa: não se podia entrar e sair pela mesma porta. O intervalo tinha de ser respeitado. Afinal de contas, domingo era o pior dia do mundo, e não havia outro remédio. A não ser aceitar a festa dos fantasmas. E, já agora, tomar o pequeno-almoço.

Na sala de refeições, o rádio transmitia *My Foolish Heart*, de Bill Evans. Estelle apanhou, com desinteresse, o jornal local. A notícia mais inquietante era a do cadáver que dera à costa no início da madrugada e que a polícia estava a investigar. O jornal dizia que a vítima era uma mulher na casa dos 30 anos. A morte tinha sido causada por um ferimento de bala no hemisfério direito do crânio.

Marianne, a rapariga risonha que trazia os bolinhos caseiros, não conseguia disfarçar o choque ao reparar no jornal. E não resistiu a observar que a mulher de certeza se tinha matado — vá-se lá saber o motivo —, e que se dizia ser a mesma que se tinha instalado no hotel há dois dias. Contava que, na missa da manhã, o pároco da igreja

— certamente num misto de moral com pudor — tinha recomendado que o acontecimento não fosse comentado. Naturalmente sem sucesso.

A manteiga da torrada era de uma consistência macia e o café, feito ao modo tradicional, deslizava para o interior da chávena de porcelana, soltando um aroma delicioso. Perante a curiosidade de Estelle, Marianne começou a recordar-se da única vez que vira a tal mulher. Chegara há dois dias, apressada, ao hotel. Era de noite e estava chuva miúda. Pela descrição da camareira, a vítima devia ter aquele ar trágico de fim de festa, numa elegância já desajeitada, que não conseguia, contudo, estragar-lhe o belo porte. Pegara na chave e instalara-se no quarto 215.

Marianne foi endurecendo a expressão enquanto contava. Deviam ser umas seis da manhã. Lembrava-se bem. Um estrondo no quarto 215. Dominique, um dos recepcionistas, foi, sobressaltado, averiguar o que se passava. Era ela. Não conseguia dormir. Batera violentamente com a porta do armário, sem se aperceber do ruído que o seu acto provocara. Parece que ficou por lá a marca.

Dominique tentava acalmá-la, quando viu um revólver de baixo calibre entre as suas roupas. Estranhou-o e temeu-o. Mas a mulher, ao aperceber-se da reacção de Dominique, tentou convencê-lo de que estava tudo bem. O estrondo da porta fora um acidente, explicava. Os acidentes aconteciam. A seguir, como sempre nestas coisas, fez-se um constrangido silêncio.

A sala do pequeno-almoço mantinha a decoração original. Madeira de boa qualidade, formas geometrizes,

e principalmente a sensação de tudo ter sido especificamente concebido para cada espaço. A manutenção do mobiliário estava aceitável. Na mesa do lado, um cavalheiro ajeitava a cadeira à sua companheira, enquanto esta se decidia por um chá de jasmim. Pela janela entrava o barulho das ondas, numa nostalgia sincopada de rebentação.

A tranquilidade foi interrompida pela chegada do inspector, que vinha decidido a compreender o que sucedera à mulher encontrada morta. Soubera que se tinha instalado no hotel há duas noites e apressava-se a dar um sentido ao seu fim trágico. Estelle cruzou o seu olhar com o do indivíduo e terminou o café. Era altura de abandonar a sala. Levantou-se e ajeitou o *trench coat* azul-petróleo.

O inspector seguiu-a. Ficara curioso a respeito daquela mulher e, de qualquer modo, precisava de lhe fazer algumas perguntas. A sua vinda ao hotel tinha sido para conversar com os funcionários e, eventualmente, com um ou outro hóspede. A verdade é que também lhe agradou o modo como os cabelos estavam presos, a beleza e o perfume consistente.

O indivíduo solicitou uns minutos da atenção de Estelle, e ficaram parados à porta do quarto, enquanto aquele lhe colocava algumas questões. Não, nunca tinha visto a vítima e não sabia de quem se tratava. Sim, de facto havia horas do Diabo. A situação era confrangedora. O mundo certas vezes não tinha nesga de meiguice. A sua fragilidade era encantadora. O inspector despediu-se, desejando-lhe boa sorte. Através da janela respirava-se o perfume das glicínias.

Para Estelle chegara a altura de partir. Ajeitou a blusa e o casaco de corte impecável. O conjunto ganhava sentido